

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E O ENSINO DO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE

Alexandre António Timbane

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

RESUMO: Moçambique é um país lusófono e tem uma diversidade linguística composta por mais de vinte Línguas Bantu que concorrem com o português como língua oficial. Há desvio à norma-padrão causado pelo contato e interferência das Línguas Bantu. A pesquisa visa (a) explicar as particularidades do Português de Moçambique e (b) descrever as dificuldades no ensino do português nas escolas de Moçambique. Da pesquisa se conclui que o Português de Moçambique é real; deve ser estudado e mostrado aos alunos combatendo assim o preconceito e a má qualidade de ensino. A formação dos professores de português e mudança de atitude com relação à variante moçambicana é urgente.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Ensino. Português de Moçambique.

ABSTRACT: Mozambique is a lusophone country and he has a linguistic diversity comprised of more than twenty Bantu Languages competing with Portuguese as the official language. There are standard deviation from the norm caused by contact and interference of Bantu Languages. The research aims to (a) explain the peculiarities of Portuguese Mozambique and (b) describe the difficulties to teach portuguese in Mozambique schools. The research concludes that the Portuguese of Mozambique is real, must be studied and shown to students thus countering prejudice and poor quality of teaching. Training for teachers of portuguese and change of attitude towards Mozambican variant is urgent.

KEYWORDS: Variation. Education. Portuguese in Mozambique.

Considerações iniciais.

O presente artigo versa sobre a Língua Portuguesa (LP) falada e escrita em Moçambique porque sabe-se de antemão que as línguas não são estáticas, quer dizer, não é um produto acabado e depende de variáveis sociais e linguísticas. Moçambique é um país lusófono que se caracteriza por uma multiplicidade de línguas espalhadas um pouco pelo país. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, publicados pelo Ministério da Educação (2010), Moçambique conta com vinte e uma Línguas Bantu (LB) e uma língua europeia- o português, que é oficial segundo a Constituição da República do país falado por 10.7% dos moçambicanos. Apesar de ser língua oficial não é falada pela maioria da população. A maioria da população (cerca de 85.2%) fala as LB muitas delas que ultrapassam as fronteiras políticas atuais. Por exemplo, o swahili é uma LB que para além de ser falada em Moçambique é falada na Tanzânia, no Quênia, no Burundi, na Somália, na Zâmbia, na Etiópia, em Madagáscar em Comores, na República Democrática de Congo, na República do Zimbabué entre outros. É falada por cerca de 50 milhões de pessoas e é língua oficial na União Africana.

O objetivo do artigo é de (a) explicar as particularidades do Português de Moçambique (PM) e de (b) descrever as dificuldades no ensino do português nas escolas de Moçambique. Para além disso, vai-se propor atitudes que visam reduzir o preconceito linguístico reduzindo assim as reprovações em massa que ocorrem nas escolas. É uma pesquisa bibliográfica na qual se discute vários assuntos inerentes à variação linguística e a metodologia de ensino de uma língua em contexto multilingue como é o caso de Moçambique. A pesquisa tenta mostrar que o Português de Moçambique difere do Português Europeu (PE) nos aspectos: léxico-semântico, fonético-fonológico, sintático-morfológico e pragmático. A preocupação com a variação e mudança linguística não é recente. No passado recente, a variação e mudança eram fenómenos linguísticos atribuídos aos fatores de ordem física, mentais, do ambiente, até suspeitas de influências de zonas de altas altitudes, de clima, etc., fato que não foi comprovado cientificamente. (cf. AITCHISON, 2005, p.133). Segundo o autor, a maioria das mudanças provêm de elementos exteriores à língua, fenómeno caracterizado por contato, mistura e interferências linguísticas bem como da mudança da vida na sociedade. Aliás, toda língua viva nunca está pronta ou acabada, isto significa que ela está/estará sempre em formação ou em reforma enquanto houver falantes. A LP falada/escrita hoje é resultado de constantes modificações ao longo de vários séculos fato que confirma a tese de que “as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados [...] os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando” (cf. FARACO, 2005, p.14).

A sociolinguística é uma ciência recente, cujos os “primeiros trabalhos marcantes”¹ na área surgiram com linguista William Labov orientado pelo seu professor Uriel Weinreich, nos anos 60, cujos seus estudos se basearam na criação da “sociolinguística variacionista” ou “teoria da variação”. Do ponto de vista sociolinguístico, a língua nunca fica pronta e assim, “cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Desta forma, ela está sujeita a alterações nessa recriação.” (CHAGAS, 2010). Sendo assim, a sociolinguística estuda os padrões de comportamento linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala tendo como base uma ou várias variáveis linguísticas e sociais. A linguística histórica é o “campo da linguística que se ocupa de interpretar mudanças fônicas- mórnicas, sintáticas e semântico-lexicais - ao longo do tempo histórico, em uma língua ou uma família de línguas.” (cf. MATTOS e SILVA, 2008, p.8).

O fato importante é que “a língua se transforma, isto é, estruturas e palavras que existiam antes não ocorrem mais ou estão deixando de ocorrer; ou, então, ocorrem modificadas em sua forma, função e/ou significado.” (FA-RACO, 2005, p.16). Sabe-se que toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como “a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer a mudança. Como a mudança e a variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra.” (CHAGAS, 2010, p.149). A afirmação de Chagas sustenta a escolha do título do artigo porque entendemos os conceitos variação e mudança estão intimamente interligados. O léxico é a face mais notável da língua e que a sua variação é originada em muitas vezes pelo contato linguístico entre línguas. No caso de Moçambique temos uma situação do português em contato com mais de vinte LB moçambicanas e do inglês.

1. A variação linguística.

As LB faladas em Moçambique são chamadas de “dialetos”, termo preconceituoso herdado no sistema colonial que continua prevalecendo até aos dias de hoje. Estudo recentes discordam que PE é o “padrão mais certo” defendendo que a variante moçambicana tem características próprias a nível:

1 Sem queremos desqualificar os trabalhos anteriormente publicados por Gauchat (1º estudo cujo objeto foi mudança linguística em progresso), Hermann, Saussure, Martinet, Hockett, Bloomfield entre muitos outros.

fonético, morfológico, sintático, semântico e lexical fato comprovado pelos estudos recentes de Dias (2009), Gonçalves (2012, 2005a,b, 1996), Vilela (1995), Ngunga (2012), Timbane (2012) e muitos outros.

Com isso pretende-se dizer que um “dialeto” não é uma língua, pois esse termo traz uma sensação de preconceituosa, uma sensação de inferioridade. Marcos Bagno no seu livro *Não é errado falar assim: Em defesa do português brasileiro* dá exemplo do Cineasta moçambicano que considera as LB moçambicanas por “dialeto”. Realmente este preconceito existe no seio dos moçambicanos herança do sistema colonial, aspecto que deve ser combatido, pois as LB são “tão eficientes como instrumentos de interação social quanto o português ou qualquer outra língua europeia, ou qualquer outra do mundo. (BAGNO, 2009, p.18). Na luta contra preconceito linguístico a escola deve ser o “comandante”, posicionando-se na vanguarda e não sendo incentivador da discriminação linguística. O termo “dialeto” renega a princípio o estatuto de ser língua e fica com pouca consideração. Assim, “a mudança que se observa numa língua no decorrer do tempo tem paralelo na mudança dos conceitos de vida de uma sociedade, na mudança das artes, da filosofia e da ciência e, até, na mudança da própria natureza.” (MATEUS, 2005, p.18).

Os estudos provam que o PM é uma variante diferente do PE e precisa ser mais aprofundado procurando cada vez mais espaço da sua afirmação legal- a **padronização**. “Falar de uma variedade é apenas reconhecer a existência de um ou de vários conjuntos de diferenças, de uma ou de várias variedade e recusar estabelecer entre essas variedades numa hierarquia.” (GARMADI, 1983, p.29). Esses fenômenos linguísticos são causados pelo contato entre línguas, pelo surgimento de realidades sociais, culturais, políticas e econômicas bem diferentes ou mesmo pela diferença de classes sociais. Entendemos por variação linguística a forma como uma determinada comunidade linguística se diferencia de outra, sistemática e coerentemente tendo em conta os contextos sociais. A variação se manifesta em diversos níveis:

1.1. Variação fonético-fonológica.

É uma característica das diferenças na pronúncia de palavras que variam de língua para língua, de variante para variante. Pode ser causado por influências de outras línguas. No caso de Moçambique muitas formas de variação fonético-fonológica são resultado da influência das línguas maternas de origem bantu espalhadas um pouco pelo país. É através da variação fonética que percebemos se o falante nasceu no norte ou no sul do país. Vejamos algumas variações:

- A troca de [d] por [t] : dedo=[teto]; dama [tama]; dono [tono]
- A troca de [b] por [p]: bebé, bebe =[pépé]; banana [panana]; bomba [pompa]
- Ditongação da sílaba final: fazer=[fazeri]; lavar=[lavari]; ler [leri]
- Eliminação da consoante final: fazer=[faze]; lavar=[lava]

1.2. Variação morfológica.

A morfologia é uma disciplina que descreve e analisa a estrutura interna das palavras e os processos morfológicos da variação e de formação das palavras. Para ilustrar a variação morfológica apresentaremos dois exemplos: um do PB e outro do PM. No PB falado o pronome pessoal “tu” e “você” podem ser substituídos por “ocê” ou “cê”. No PM há caso falta de concordância. Exemplo: Rituais religiosos só conheço um. [PM] vs Rituais religiosos só conheço um. [PE]

A diferença que se observa nestas duas frases é a falta de concordância no PM se compararmos com o PE. O importante a reter é que esta variação está inerente à norma-padrão. Sabe-se que a fala pode variar segundo a idade, o grau de escolaridade, as redes sociais, local de residência, etc. Este fenómeno não só acontece em Moçambique, pois estudos de Scherre e Naro (1998, p.1) mostram que “diferentemente do português de Portugal, o português vernacular do Brasil apresenta variação sistemática nos processos de concordância de número, exibindo variantes explícitas e variantes zero (0) de plural em elementos verbais e nominais.” Vejamos outros exemplos das preposições no PM apresentados por Gonçalves (2001, p.983). As preposições destacadas são usadas de forma diferente no PM se compararmos com PE que entendida como a Norma-Padrão:

- (a) Chegou cedo *na* escola (PE=à)
- (b) O pai volta *em* casa às sete (PE=para)
- (c) Visitei *no* museu de História Natural (PE= o museu)

1.3 Variação sintática.

Para além da variação morfológica que vimos em (2.2), o PM apresenta variação a nível sintático. Estudos em recentes apresentados numa obra organizada por Dias (2009) mostram que há vários casos de variação se compararmos com o PE. É importante deixar claro que a referência para todas as análises é o PE. Vejamos alguns exemplos de Gonçalves (2005a, p.55):

- | | |
|----------------------------------|-------------------------------|
| PM: Eles elogiaram a uma pessoa. | PE: Eles elogiaram uma pessoa |
| PM: Elogiaram-lhe muito. | PE: Elogiaram-na muito. |

Os exemplos de Gonçalves apresentados nestes exemplos provêm de um *corpus* oral, fato que nos leva a crer que há diferenças entre a escrita e a fala. O que acontece em muitos casos é a transferência da fala para escrito fato que leva ao distanciamento à norma-padrão. Vejamos outros exemplos de Gonçalves (2001, p.986).

PM: “Recebi ϕ telefonema”

PE: “Recebi um telefonema.”

PM: “Todas ϕ pessoas chegaram”

PE: “Todas as pessoas chegaram”.

Aqui nota-se a ausência de artigos nas frases do PM que é exigido pela Norma europeia.

1.4. Variação semântica.

Sabendo que a semântica é o estudo do sentido das palavras, a variação semântica seria o estudo as diferenças dos sentidos das palavras. Um mesmo referente pode ter várias palavras e uma palavra pode ter vários significados. A unidade lexical “chapa”² para além dos significados conhecidos na LP significa “transporte semi-coletivo de passageiros.” A palavra *camisola*, no PB significa vestimenta feminina usada para dormir enquanto que no PM, *camisola* é vestimenta de malha de lã ou algodão com mangas compridas que é usada para se proteger do frio.

1.5. Variação lexical.

Para um único referente podem existir várias palavras. Por exemplo: as palavras “candonga”, “chapa-100”, “van”, “toca-toca”, “busão” referem-se ôni-bus no PB. Por outro lado, uma unidade lexical pode ter vários significados. Por exemplo: “neca”, no PM refere-se a “amarelinha” no PB. Estas variações lexicais são causadas por razões culturais, sociais e geográficas. As crianças brincam do mesmo jeito, as regras são iguais e o que muda é simplesmente o nome.

No caso de Moçambique, quando uma unidade lexical for inexistente no português, os falantes vão buscar do acervo das suas LB para completar o espaço em branco ou vazio. As unidades lexicais: *matapa* (folhas de mandioqueira ou prato feito com folhas de mandioqueira), *kwassa-kwassa* (dança tradicional africana), *mamba* (cobra perigosa e venenos), *matorritorri* (cocada), *nembo*

2 Folha metálica; lâmina em que se abre um desenho para ser reproduzido; lugar plano; insígnia honorífica aberta em metal; distintivo de moço de fretes, etc; distintivo com numeração e mais elementos de identificação de automóveis, etc; antigo disco de fonógrafo; negativo em fotografia. (DILP, 2008, p.339).

(seiva viscosa que é usada para apanhar pássaros), *ntchuva* (jogo tradicional no qual o jogador move pedrinhas colocadas em filas de covas) refletem a realidade local. Estas unidades lexicais provêm da língua xichangana³ para enriquecer o léxico português. Há que considerar muitos rituais tradicionais que não têm equivalência em português. Mendes (2010, p.149) apresenta os seguintes exemplos: *tinholo*: ossículos utilizados pelos curandeiros na adivinhação; *uputsu*: bebida tradicional, confeccionada à base de *mapira*; *ciputu*: Rito de iniciação feminino *makhuwa*; *jando*: rito de iniciação masculina *yao*.

É mais frequente a entrada de unidades léxicas de LB no PM, causado por força da distância geográfica (Portugal-Moçambique), sociais, culturais, e sob a influência das línguas locais. Este fenómeno traz pouco e pouco novos vocábulos, novas expressões idiomáticas, novas construções inexistentes no português europeu, tal como Gonçalves (2005b, p.47-72) explica quando fala sobre os *Falsos sucessos no processamento do input na aquisição de L2: papel da ambiguidade na gênese do Português de Moçambique*. Voltando insistir sobre o léxico é importante sublinhar que este está conectado à história, como se pode ver nos exemplos apresentados por Vilela (1995) e Timbane (2012): (a) *lobolar*, (b) *kandongueiro*, (c) *cooperante*, (d) *desconseguir*, (e) *confusionar*, (f) *matabicho* entre muitas outras unidades lexicais.

(a) provêm do verbo *ku lovòla* (dote) da língua xichangana. *Lobolar* é ato de pagar dote aos pais da noiva, prática frequente em linhagens patrilineares.

(b) alguém que pratica o negócio ilícito. Vem do substantivo *ka ndonga* (indivíduo que faz negócios ilícitos). *Ndonga* é sobrenome também.

(c) nome atribuído a qualquer estrangeiro que vem em missão de ajuda.

(d) não conseguir

(e) ser confuso

(f) É uma importação do contexto da língua xichangana. Na cultura bantu acreditava-se que quando alguém sente fome havia bichos no estômago que roncavam procurando comida. Para os calar era preciso comer alguma coisa.

Até nos dias de hoje, os falantes da língua xichangana ainda dizem: *dlaya nyocana!* (matar o bicho!) para se referir a primeira refeição do dia que ocorre antes das 12h. E assim, houve transporte desse contexto para português: *matabicho* que significa “café da manhã” (no PB) ou pequeno-almoço (no PE). É importante que em muitas LB não existe palavra para designar o “café da manhã” uma vez que pela cultura se tem duas refeições por dia: almoço e jan-

3 Língua Bantu falada no sul de Moçambique abrangendo as províncias de Maputo, Gaza e Inhambane. É a 2ª LB mais falada de Moçambique depois de makhuwa que domina no norte do país.

tar. O “café da manhã” apareceu com as tradições/civilizações europeias. Ora, esta criação de unidades lexicais é uma característica “normal” das línguas. O português do Brasil é exemplo mais que claro que ilustra a criatividade lexical de uma língua: de *cheeseburger* se formou *x-burger* e seus derivados: *x-bacon*, *x-egueburger*, *x-salada*, *x-tudo*, *x-coração*, *x-galinha*, *x-coração*, *x-tudo*.

1.6. Variação estilístico-pragmática.

Esta variação é inerente as diferentes formas de falar entre diferentes idades (jovens vs adultos) ou entre grupos sociais distintos ou entre áreas profissionais específicas.

Exemplo: “E aí malta, tá-se bem?”

“oi pessoal, *mbora-lá tchilar* para não *nholar!*”

“*Tcheca-lá* antes de bazarmos. Esse gai-gai pode *tchunar* as cenas e ficarmos a *mbunhar!*”.

O que acabamos de ver nos exemplos de (a) a (f) reflete a variante PM. Isso não só acontece com o PM mas também com PE, PA, PB. Berlinck (2012, p.8-15) mostra as particularidades do PB nas variações a nível sintático e morfológico.

2. Classificação da variação sociolinguística.

Estas todas variações estão conectadas a fatores extralinguísticos diversos, a saber: origem geográfica, status sócioeconómico, escolarização, idade, sexo, redes sociais, mercado de trabalho, etnia entre muitas outras.

2.1. Variedades geográficas ou variação diatópica.

A palavra “diatópica provem do grego *dia*=através de + *topos*=lugar. As variações geográficas seriam aquelas que estão ligadas aos diferentes lugares onde a língua é falada. São as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países. Existe termos que especificam a variedades locais: os brasileirismos, mocambicanismos, portuguesismos, etc para indicar as especificidades do português falado no Brasil, Moçambique e Portugal respectivamente. No Brasil ainda se pode falar do dialeto caipira como uma variedade regional. No PE temos a existência de dialetos setentrionais (transmontanos e

alto-minhotos), dialetos centro-meridionais (dialetos do centro litoral, centro interior, dialetos dos açores e da madeira (cf. MATEUS, 2005, pp. 20-21). Vejamos outros exemplo no PB e PB no Quadro 1:

BRASILEIRISMOS	Equivalência em PM	BRASILEIRISMOS	Equivalência em PM
banheiro	casa de banho	açougue	talho
caminhão	camião	terno	fato
fila	bicha	aeromoça	hospedeira
refrigerante	refresco	pedágio	portagem
ponto de ônibus	paragem	van	chapa 100, <i>ten years</i>
delegacia	esquadra	grampeador	agrafador
mamadeira	biberão	pedestre	peão

Quadro 1: Diferenças lexicais entre PB e PM.

2.2. Variação distrática.

É uma variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população. No Brasil, há vários estudos que mostram as diferenças na da população escolarizada e analfabeta. Castilho (apud ILARI; BASSO, 2009, p.176) dá exemplos de:

1) Negação redundante com indefinidos negativos. (ex. Ninguém não sabia)

2) Perda de *-s* da desinência da 1ª pessoa plural. (ex. Nós cantamo, nós cantemo)

3) Redução das formas verbais. (ex. Eu falo, você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas fala). As formas verbais no presente do indicativo são “falo” e “fala”. Isso é simplificação/redução. Esta simplificação gramatical é também observada em crioulos de qualquer base.

4) Uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto (ex. Eu vi ele, a mulher xingou eu).

No PM temos várias unidades lexicais novas (neologismos) que só ocorrem no contexto moçambicano. Vejamos alguns verbos formados dentro do português e que mudaram o seu valor semântico. São exemplos: **bichar** (fazer a fila), **esquinar** (esperar alguém na esquina), **boatar** (propagar mentiras), **depressar** (andar/fazer rápido), estilar (exibir-se), **afinar** (apertar as pessoas no chapa100 ou van), **bala-balar** (correr, andar rápido), **anelar** (pagar dote, *lobolar*), **panhar** (contrair

doença sexuais), **cabular** (copiar na prova), **barulhar** (fazer barulho), **bater** (roubar), **cabritar** (fazer corrupção), **chimbar** (bater fortemente), **coisar** (fazer sexo), **desconsequir** (não conseguir), **despegar** (terminar uma jornada de trabalho), **engarafar** (fazer feitiço para amar alguém), **fechar** (combinar) **ferrar** (dormir), **gamar** (roubar), **marrar** (estudar), **mortar** (perder no jogo da bolinha), **nenecar** (colocar o bebê no colo), **pedir** (fazer cerimônia de apresentação da noiva), **placar** (ir a uma vila próxima para se esconder da guerra), **botar** (colocar, pôr), **mamar** (comer), **gazetar** (faltar a aula, “matar aula”) **famar** (exibir a fama), **lambe-botar** (aquele que se submete ao seu superior hierárquico para conseguir vantagens corruptas), **linchar** (queimar um ladrão com pneu), **destrocar** (dar troco em dinheiro).

2.3. Variação diamésica.

Esta variação se centra na comparação entre a língua falada e língua escrita. Na comunicação a língua oral é a mais susceptível de expressar variações e, nela, os critérios de aceitabilidade social são mais elásticos. Principalmente, em nível lexical. (PRETI, 2003, p.53). Para Preti, na “dinâmica lexical encontramos na gíria, um contínuo processo criativo dos grupos sociais, em busca de efeitos expressivos para a linguagem do dia-a-dia.” No Brasil, “as pessoas dizem coisas como *né, ocêis, disséro, téquinico*, pensando que dizem *não é, vocês, disseram, técnico*.” (ILARI; BASSO, 2009, p.181).

No caso do PM integra-se os estrangeirismos e empréstimos vindos da LB, fato demonstrado em Timbane (2012). A escrita (ortografia) das palavras vindas das LB não segue a padronização original da língua de origem, o que significa que foram adaptadas à ortografia da LP. São exemplo de: *Matorri-torri* (cocada), *tchovaxitaduma* (carinho de mão), *matapa* (caril de folhas de mandioqueira), *timbila* (xilofone), *khanimabo* (obrigado), *tontonto* (pinga), *patchar* (evocar os espíritos dos antepassados), *guadjissar* (roubar, arrastão). (exemplos de TIMBANE, 2012, p.292-293).

2.4. Variação diafásica.

Esta é chamada conhecida como variação estilística. Sabe-se que há diferença na fala de jovens /adultos em todos os níveis. Há diferenças da fala segundo espaço (lugar) e tempo. Quando falamos com um juiz há um conjunto de construções sintáticas e lexicais que devem ser usadas pois naquele espaço de julgamento se exige aquele tipo de discurso. O mesmo juiz, ao encontrá-lo num bar não exigirá as mesmas características linguísticas. O monitoramento

acontece oralmente ou por escrito. A escrita tende a ser mais monitorada do que a oral embora não escapando a mudança. O livro *Por uma vida melhor* que criou polémica desde 12 de maio de 2011, no seio da sociedade brasileira alegando que incentivava o erro. Tudo aconteceu porque o livro admitia o uso da falta de concordância na frase “os livro”. (cf. AÇÃO EDUCATIVA, 2011). A fala é mais variável que a escrita e é preciso ter em conta a variação diafásica. Ao escrever um trabalho académico, redação o aluno tem de colocar a concordância sim. Mas ao escrever para um amigo pode escrever o jeito que quiser, isso não fará nenhuma diferença.

Quando estamos comunicando, o nosso cérebro faz a escolha do léxico e o tipo de gramática a usar, desde o formal ao informal, o mais coloquial ou não. Para Labov “uma mudança no ritmo, uma mudança na altura da voz, uma mudança no volume ou intensidade da respiração forma sinais socialmente significativos de uma alteração rumo a um estilo de fala mais casual ou espontâneo.” (LABOV, 2008, p.122) A variação diafásica é uso individual da fala/escrita realizada com ou sem grau de monitoramento.

2.5. Variação diacrônica.

É a comparação das diferentes etapas da história de uma língua, quer dizer, aquela que se dá através do tempo comparando gerações. É através do estudo da variação diacrônica que percebemos que a língua que falamos hoje é resultados longos anos ou épocas diferentes. Em muitos estudos o estudo da variação e da mudança se faz com a observação da fala e de textos escritos antigos. Há que mostrar a relação fala e escrita na documentação do passado. “Para alguns autores, a linguística histórica é a história da língua escrita, mas sem a fala não se escreve, pode-se entrever ou entreouvir a voz através dos textos: tarefa difícil e apenas aproximativa, ouvir o inaudível”. (MATTOS e SILVA, 2008, p.20). As LB moçambicanas por ter sido ágrafas desde a origem é quase impossível estudar como era a língua no séc. XIV, por exemplo. A obtenção de fontes, segundo Berlinck; Barbosa; Marine (2008, p.170) é um dos grandes problemas que os pesquisadores de língua enfretam nos seus trabalhos.

A transmissão da cultura africana foi feita através da oralidade sendo que houve perda de muitos traços linguísticos da antiguidade. Em outras palavras, podemos estudar a língua baseando em fontes orais disponíveis mesmo havendo sempre a necessidade de se investigar a confiabilidade da fonte. Podemos sim, fazer um estudo baseando-se em escritos feitos no período em que os padres e missionários chegaram em Moçambique e fizeram catecismos e bíblias em línguas locais.

3. A escola, o ensino e a língua portuguesa.

3.1 O professor moçambicano diante da variação.

Nesta parte tentaremos demonstrar quais os problemas que o professor moçambicano enfrenta diante dos seus alunos, no ensino da disciplina de português. As frases apresentadas em 2.3 e 2.6 mostram a diferença na relação à PE e o PM, pois “não existe comunidade linguística alguma em que todos falem do mesmo modo e porque, por outro lado, a variação é o reflexo de diferenças sociais, como origem geográfica e classe social, e de circunstâncias da comunicação.” (CAMACHO, 2011, p.35). Vimos também que mesmo em Portugal onde seria referência tem vários “dialetos” espalhados pelo país, fato que ilustra que nenhuma língua é falada de forma homogênea.

Há no PM influências das LB. Vejamos alguns exemplos de Dias (2009, p.243):

Possíveis causas dos erros ao nível da coordenação

Ex: *Mina na yena hiya ebazara.* (língua xichangana)

*Eu com ele vamos ao mercado. (língua portuguesa).

Esta é uma tradução linear do xichangana para português. O aluno transfere construções gramaticais da sua língua materna para português, mas enfim a frase se torna agramatical. Tem problemas de coordenação por que a LM do aluno não respeita as normas da LP. Segundo Dias

os verbos *kulelelana* (despedir-se) e *kuhambana* (divorciar-se) selecionam a preposição *ni* que exprime companhia, o que contrasta com a LP que para os seus equivalentes seleciona a preposição *de* que exprime afastamento. Porque o aluno se habituou, em *tsonga*, a associar a noção de companhia aos verbos anteriormente referidos, ao usar a LP vai juntar aos seus equivalentes preposições que exprimem companhia. (DIAS, 2009, p.241)

Várias construções transferidas das LB para PM passamos a citar exemplos de Dias (2009). O asterisco diante de um enunciado ou palavra representa uma forma agramatical, isto é, uma ocorrência inexistente no PE e no PB.:

*Ele negou com o pão dele. (xichangana: *yena ayalile ni pawu rakwe.*)

*Ela não quer com a casa dela (xichangana: *yena angalavi ni kaya kakwe*)

Para além destes exemplos, há no PM tendências em omitir artigos (ex. *Governo da Província de Niassa); Aparecimento de passivas dativas (ex. *Eu fui dito que não ias); acrescimento de vogal de palavra que terminam com consoantes (ex. *Encontrari); problemas de concordância nominal (ex. *A maior parte fizeram); dificuldades de concordância verbal (ex. * Existe pessoas.);

Aparecimento de passivas dativas (ex. *Eu fui dito não ias) dentre vários outros casos. (Dias, 2009, p. 405-406). Por fim, há que considerar muitos empréstimos vindos do xichangana: **tchovar* (empurrar) e **timbileiro* (xilofone) e estrangeirismos: **tseque* (folhas comestíveis dos quais se prepara um molho), **mulala* (raiz usada para escovar e tratar a cárie nos dentes).

Se o professor não percebe o “desvio” ao PE como poderá corrigir estas frases ou unidades lexicais nos cadernos ou na fala dos seus alunos? É claro que vai perpetuar normas do PM mesmo pensando que está falando/escrevendo o PE. Infelizmente, ainda há preconceito linguístico em Moçambique no que diz respeito à variação/mudança. Muitos professores ainda reprimem qualquer tipo de variação. Contrariamente a essa ideia, a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas e os alunos têm de estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa e que não podem desprezar nem ter preconceito para quem fala de forma diferente da sua. O importante é sublinhar que é “papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas.” (cf. BORTONI-RICARDO, 2009, p.74). Desta forma, os professores acham que punindo os erros dos alunos, através de reprovações resolve-se os problemas de aprendizagem.

Acredita-se que a norma europeia é a “mais certa” e essa que é exigida aos alunos. Até parece para professores falam como “portugueses nativos”. Sobre o ensino da variação, Bagno (2009) defende que

Devemos apresentar aos nossos alunos todas as opções que a língua oferece, explicar o funcionamento dessas regras, os processos gramaticais que ocorrem em cada uma e os produtos que deles resultam. Devemos também ter a honestidade de explicar o valor social atribuído pelos falantes culturas a cada uma dessas estratégias [...] o ensino dessas formas padronizadas conservadoras não pode vir acompanhado da atitude tradicional da escola de negar todo e qualquer valor às regras não-padrão, de despejar uma enorme carga de preconceito contra as opções sintáticas mais antigas ou mais inovadoras da língua, acusando elas de serem feias, erradas, estropiadas, etc. (BAGNO, 2009, 157-158).

Falta um pouco de “honestidade” do sistema educativo moçambicano e por parte dos professores de português porque se enganam quando afirmam que a norma mais correta é a portuguesa, como se eles falassem tal como em Lisboa. Resultados dessa atitude são as reprovações “em massa” dos alunos na disciplina de português. Concordamos com Cagliari (2009, p.24) quando

afirma que “o professor de língua portuguesa deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações de sua vida.” O que acontece em Moçambique com relação a variação linguística é muito bem discutido pela Bortoni-Ricardo (2009) no livro *Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula* onde a autora apresenta resultados de uma pesquisa realizada em sala de aula, da qual concluiu que:

O professor identifica “erros de leitura”, isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma; O professor não percebe uso de regras não padrão. Isto se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em ser repertório. A regra é, pois, invisível para ele; O professor percebe o uso de regras não padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno; O professor percebe o uso de regras não padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante padrão. (BORTONI-RICARDO, 2009, p.38).

Estes aspectos constituem peça fundamental para as “reprovações em massa” ou ainda na fraca qualidade dos alunos moçambicanos. É frequente o aluno chegar ao fim do ensino médio, com dificuldades enormes de utilizar a norma-padrão. Estudo semelhante com a de Bortoni-Ricardo (2009) foi realizado por Timbane (2009), na cidade de Maputo-Moçambique em três escolas: Escola Primária Completa 3 de Fevereiro, Escola Primária Completa do Alto-Maé e Escola Primária Completa de Maxaquene. Nessa pesquisa, os professores das três escolas apoiaram que a LP aprendida em casa pelos alunos ajuda na compreensão dos conteúdos fato que dá a certeza de que o PM está presente na sala de aula. Outra observação é a de que os professores não percebem que estão diante de uma variante do PE, isto é, estão diante do PM.

Um fato mais marcante é a preferência dos alunos em outras disciplinas excepto a disciplina da LP. Outro aspecto a remarcar é que professores cuja sua LM é diferente com a do aluno tendem a corrigir mais a fonética/pronúncia dos alunos. Este aspecto mostra que as diferenças da LM fazem como que “falsos erros” dos alunos sejam detectados imediatamente. A gramática ainda é aprendida como “camisa-de força” faltando a ideia de que saber falar português não é saber recitar as normas da gramática. Falta este espírito, pois na maioria dos casos, se perde muito tempo com gramática normativa ao invés de se tentar perceber como a variante moçambicana funciona. O léxico do PM precisa ser

explicado aos alunos, de forma clara e concisa, porque a escola é o espaço de partilha dos saberes. De forma alguma devemos considerar as construções típicas como “incorretas” pois, elas são bem conhecidas pelos alunos, são ouvidas todos dias, aparecem nos meios de comunicação e fazem parte do português falado naquele ponto geográfico. Acreditamos que em Angola, na Guiné-Bissau, em Cabo Verde hajam características linguísticas específicas, porque

para aqueles que esperam que os indivíduos saiam da escola dominando um padrão linguístico que eles chamam de correto, isto é, de acordo com uma norma linguística idealizada, imposta e, em parte, configurada nos manuais tradicionais de ensino, o ensino do português está em crise, faliu, porque, a não ser alguns poucos - por já trazerem do berço na sua fala o essencial desse padrão - dos milhões de escolarizados não sairão da escola, tal como hoje ela é, dominando esse padrão idealizado e considerado o correto. (MATTOS e SILVA, 2004, p.73).

Pode-se trabalhar questões de variação nas aulas de português. O maior problema está com os alunos das grandes cidades. Referimo-nos às crianças que têm o português como língua materna, cujo número vem crescendo de forma acelerada ao longo destes últimos dez anos. Da pesquisa que se fez em crianças das escolas da Cidade de Maputo, por exemplo, concluiu-se que elas entram na escola com conhecimento da LP, aliás, do PM. (cf. TIMBANE, 2009). A LP tem causado muitos problemas de aproveitamento escolar deste o início da nova era (Moçambique independente). Por sua vez a escola se sente confiante de estar no “caminho certo” pois considera a gramática como uma “receita mágica” para que os alunos saibam falar muito bem a LP. Para Perini (2005) é um mito pensar que o conhecimento da gramática é a condição fundamental para saber falar uma língua. Comentando sobre este mesmo assunto, Neves defende que o tratamento da gramática no espaço escolar deve respeitar a natureza da linguagem, sempre ativada para a produção de sentidos, o que se opera nesse jogo entre restrições e “escolhas que equilibram o sistema [...] pois a língua é dinâmica e variável, é um sistema adaptável, sempre em acomodação, de tal modo que só na sua face sociocultural se poderá admitir a existência de moldes e modelos.” (NEVES, 2009, p.85). Neves conclui dizendo que a gramática não pode ser oferecida como uma “camisa-de-força” para os alunos fato que infelizmente acontece também na escola moçambicana. Por outro lado, a maior parte da população de Moçambique usa as LB e assim, seria importante que se avançasse para uma educação bilingue em que a LP é estudada em paralelo com a LP, principalmente nas classes iniciais. Ngunga afirma que é injusto que uma criança não avance na sua carreira escolar só porque lhe é imposta uma

barreira que é o português. “O uso na escola de uma língua desconhecida como veículo de ensino-aprendizagem fomenta timidez no estudante e desenvolve a arrogância do professor.” (NGUNGA, 2007, p.4).

Bortoni-Ricardo revela que a escola se concentra na língua da cultura dominante desprezando a fala do grupo populacional desfavorecido. É por isso que o comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Para Bortoni-Ricardo (2006) e para Bagno (2008) a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm de estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de falar a LP e assim, é preciso transformar a escola num lugar de inserção inevitável entre o saber erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser usado em favor do aluno e da sua formação como membro da sociedade. Apesar da escola ser considerada a guardiã da norma e do bom-uso linguístico não consegue controlar certas formas características no meio social em que o indivíduo está envolvido. Vejamos alguns exemplos de Dias (2009, p.393):

- * Eu não vi ele ontem. (PM) vs Eu não o vi ontem. (PE)
- * Tou chatiada. (PM) vs Estou aborrecida. (PE)
- * Deixa eu pegar o telefone. (PM) vs Deixa-me pegar no telefone.(PE)
- * Ninguém lhe deixou ferrar. (PM) vs Ninguém o deixou dormir.(PE)

As frases em asterisco (*) mostram a agramaticalidade com relação á norma nos PE. As frases em asterisco mostram uma das características do PM e resultam de certo modo da transposição de construções sintáticas da LB para PM, fato que é normal em Moçambique. Se o professor está pouco avisado pode deixar passar estas frases em redações e em outros textos. Aliás, ser professor não é sinónimo de ser “especialista em gramática” da LP. Contestar estas frases seria o mesmo que dizer os “moçambicanos não sabem falar português”. É o 2º mito apresentado por Marcos Bagno no seu livro *Preconceito linguístico: O que é, como se faz*”. Bagno (2009, p.40) se defende explicando que o “brasileiro sabe português, sim”. Quando dizemos que Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Muitas pessoas ainda não percebem que o PM existe e precisa ser estudado e apresentado em forma de gramática e dicionários. Matosse (2013) num artigo publicado no Jornal “Notícias” (08 e 09/03/2013) escreve sobre os erros que são cometidos ao falar “português”. Matosse escreve:

Frequentemente, oiço professores de português, talvez por gravíssima distração, a dizer aos seus alunos, ainda que com algum carinho: *Meus meninos, abrem vos-sos cadernos. Análise: esta frase não se enquadra em nenhum dos tipos de frase,

que certamente o leitor terá aprendido: declarativo, exclamativo, interrogativo e imperativo. Sem dúvida, à primeira análise, parece-nos adequar-se ao imperativo. (MATOSSE, 2013, Grifo nosso).

Esta afirmação do Matosse prova mais uma vez de que o preconceito linguístico é uma realidade em Moçambique. A norma europeia é a mais exigida e há impressão de que moçambicanos devem falar tal como se fala em Portugal. A norma é artificial e nem mesmo em Portugal todos conhecem a gramática ou falam tal como está previsto nas gramáticas. Ainda bem que o Matosse percebe que “muitos professores” falam da forma como ele considera errado. A língua é propriedade do coletivo e não da individualidade. Se há muitos que falam ou escrevem assim, é prova mais que suficiente de que a variante moçambicana está a se consolidar de forma mais acelerada.

Voltando para os debates no Brasil, é importante sublinhar que a questão de preconceito linguístico resiste no meio de alguns linguístas e no meio da sociedade em geral, tal como se viu nos debates sobre o livro escola *Por uma vida melhor*. Como ficou esclarecido, com a temática pretende-se mostrar que há variedades de língua para cada contexto social, cultural, econômico, tecnológico, geográfico e até mesmo político. O importante é saber enquadrar os falares para cada contexto. A escola não pode ficar reprimindo, mas sim devia apoiar a diversidade linguística para que o preconceito não prevaleça na nossa sociedade porque a escola deve “contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade em geral”. (cf. BORTONI-RICARDO, 2006, p.130). Quem disse que em Portugal se fala português da mesma forma em todas as regiões? Aí a situação se complica ainda mais.

A escola deve ser o local que propicia e conduz uma reflexão profunda sobre o funcionamento da linguagem e ela tem de garantir que seus alunos entendam que têm de adequar registros segundo os contextos; garantir que hajam condições de mover-se nos diferentes padrões de tensões ou de frouxidão, em conformidade com as situações de produção. (cf. NEVES, 2009, p.128). Não é camuflando situações que podemos formar um cidadão linguisticamente são, porque se assim for a educação em Moçambique continuará a ser “falsamente democratizada”, seguindo “a tradição normativo-prescritiva cujo modelo é a um português padrão idealizado, fundado originalmente no português europeu.” (MATTOS e SILVA, 2004, p.137). A questão é variação é muito profundo sendo que a escola moçambicana pouco faz. Cagliari (2010) escreveu uma obra intitulada *Alfabetização e*

linguística onde defende que “para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda a sua visão de valores educacionais.” Enquanto isso, não acontece, o autor acrescenta que “os professores mais bem esclarecidos deveriam pelo menos discutir o problema da variação linguística com seus alunos e mostrar-lhes como os diferentes dialetos são, por que são diferentes, o que isso representa em termos das estruturas linguísticas das línguas”. (opt.cit, 2010, p.71). A sociedade em geral devia abandonar o preconceito linguística que se verifica, principalmente na educação. A língua é propriedade coletiva e espelha a realidade da sociedade. Sendo assim, ela vai de acordo com as ansiedades dos falantes, dos contextos socioculturais fato que faz com que seja não seja estático evoluindo ao longo do tempo.

3.2. Características do léxico presente nos livros escolares e debates sobre ensino.

Mas, o ensino primário em Moçambique tem enfrentado sérios problemas: primeiro, o tipo de ensino (alunos com LP como língua materna usam o mesmo livro com aqueles que têm a LP como língua segunda); segundo, os conteúdos (seguem a norma europeia e não toleram nenhuma variação). Os conteúdos dos livros⁴ tentam convencer ao aluno que a norma-padrão é a mais correta e que a gramática seria o “único remédio mágico” para “saber falar” português. Ao analisarmos os livros de 1^a a 7^a classes constatamos que há estrangeirismos e empréstimos vindos das LB bem como da língua inglesa. Os textos são adaptados para que se aproximem ao PE o que é, ao nosso ver, uma tentativa de “apagar” a realidade sociolinguística moçambicana. Há uma tentativa da parte dos autores de apagar estrangeirismos e empréstimos linguísticos presentes nos textos dos escritores moçambicanos. Por vezes essas tentativas são fracassadas. Vejamos alguns exemplos extraídos de manuais (livros de alunos) em uso:

a) “Para festa eu levei o frango à *zambeziãna*, *mucapata* e *mucuanã*.” (4^a classe, p.51)

b) “Algumas dessas madeiras são muito valiosas, como a *chanfuta*, o pau-preto, a *umbila* e o *jambirre*.” (4^a classe, p.52)

c) “A vovó explicou-me que se chamam *timbilas*.” (5^a classe, p.42).

4 O livro da 4^a classe, por exemplo tem os subtítulos “falar e escrever bem” que se dedicam ao ensino da gramática normativa. Tem 33 tópicos gramaticais. O livro da 5^a classe tem 38 tópicos gramaticais, em que a sequência é: “Texto, interpretação do texto, gramática” e finalmente o da 6^a classe tem o título “Funcionamento da língua” onde se aprofunda a gramática de forma sistemática.

- d) “A preparação de *theka* inicia a festa.” (5ª classe, p.52).
- e) “Veículo é o carro, o *machimbombo*, o camião, a motorizada, a bicicleta e *tchova*.” (5ª classe, p.110).
- f) “*Madala* continuou imóvel: *machamba* é como o mar.” (5ª classe, p.140).
- g) “Pois foi *stora*, adoeceu mesmo.” (6ª classe, p.30).
- h) “*Pr’a* semana prometo talvez nos vejamos, quem sabe?” (6ª classe, p.20).
- i) “*Nhamussoro* foi chamado e com o seu soco enorme contendo bugi-gangas diversas chegou.” (6ª classe, p.90).
- j) “E para ele somos todos *misters* e *misses* - Acrescentou Toshiro.” (6ª classe, p.128).
- k) “Em que período do dia *matabichas*, almoças e jantas?” (1ª classe, p.29).

As unidades lexicais em *itálico* nas frases de (a) à (k) representam um pouco do tipo do léxico que os manuais dos alunos apresentam. São palavras inseridas no contexto do PM e só são percebidas com muita facilidade pelos falantes da variante moçambicana. Temos aqui a presença de palavras vindas das LB (*madala*, *nhamussoro*, *mucuane*, *timbilas*, etc) do inglês (*machimbombo*, *misters*, *misses*).

A nível lexical a situação é mais visível, mas a nível sintático aparece um “pouco camuflado” para quem não tem domínio da norma-padrão. Segundo Stroud e Gonçalves (1997, p.13) um teste recente sobre aceitabilidade e correção de frases entre falantes letrados de Português, conduzido pelo do Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), revelou que partes de frases que de facto estavam corretas, segundo a Norma-Padrão Europeia (NPE) eram consideradas inaceitáveis e corrigidas pelos sujeitos testados. Esse teste é mais uma prova de que o NPE está pouco presente na fala dos moçambicanos apesar da insistência dos professores em sala de aula. Se os professores não dominam o NPE como corrigirão as redações dos alunos? Nota-se que os professores nasceram, cresceram e aprenderam neste contexto sociolinguístico, o que são “anormalidades” em relação à NPE parecem “normais”, quer dizer, professores não chegam a identificar “os erros”. E mais, os professores do ensino primário não têm ensino superior, se seguissemos o conceito de “norma-culta” não estariam aptos a falar, nem a ensinar a NPE.

Contrariamente ao que acontece com os manuais do ensino primário (fundamental), no ensino secundário (médio) os textos são menos “censurados” e recomenda-se a leitura de várias obras literárias. Aí, entende-se a essência do PM. Orientações do Ministério da Educação quanto ao ensino da LP determinam que

o ensino da literatura será feito de forma sistemática, a partir do tratamento de diferentes tipologias textuais inerentes aos três modos literários: narrativo, lírico e dramático. Neste âmbito, pequenos textos ou extractos de textos servirão de pretexto para o estudo, quer dos aspectos formais e linguísticos que lhes são específicos, quer dos elementos culturais e ideológicos por eles veiculados. (MINED, 2010, p.9).

Estas orientações abrem espaço para que o professor e os alunos usufruam da literatura moçambicana que está bem recheada de empréstimos, neologismos, estrangeirismos de todo tipo. É preciso que a sala de aulas seja um espaço de debate de discussão das diferentes variedades linguísticas que a LP apresenta. É preciso aproveitar esta prerrogativa das orientações do MINED dar oportunidade ao aluno de fazer uma reflexão aprofundada sobre a LP bem como das LB que fala ou conhece.

Considerações finais.

Neste artigo retemos que o combate à intolerância linguística no contexto moçambicano passa necessariamente pela valorização, uso e ensino em LB na escola, quer dizer, uma educação bilingue principalmente nas zonas rurais onde a maioria das crianças têm o português como L2. Segundo Ngunga (2007, p.5) a “intolerância linguística na escola primária moçambicana custou ao país muito milhares de quadros, que poderiam ter sido formados e não foram, porque desistiram nos três primeiros anos de escolaridade” devido a relutância de preservar a “unidade nacional” através da LP. Pretendemos defender que a “intolerância linguística” não é argumento suficiente para unir politicamente um povo. O Canadá tem duas línguas oficiais mas continua unida. A “intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais, etc.” (ALKMIM, 2001, p.42). Há na mente de certas pessoas que o modelo certo da LP é aquela falada na Europa, desqualificando certas pronúncias, certas construções verbais e usos vocabulares. Estes preconceitos fazem com que haja discriminação e repressão aos que não conhecem a norma-padrão. Bagno (2009, p.89) diz que “é comum encontrar pessoas muito bem-intencionadas que dizem que a norma-padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um instrumento de ascensão social.”

Na sala de aula, o PM se manifestam de diversas formas tanto na fala quanto na escrita dos alunos embora sendo “bloqueados”, ou melhor, corrigidos pois

são “erros”⁵ com relação ao PE. A escola finge ter professores especializados no PE e mais tarde colhe fracos resultados por causa dessa falsa crença acrescido à intolerância linguística. Mesmo a nível de graduação e pós-graduação as dificuldades de uso do PE ainda se manifestam porque não existe nenhum instrumento legal que legitima a variante moçambicana.

Para terminar é importante sublinhar que a variação não perturba de alguma forma a língua. Apesar da existência de variações existe uma LÍNGUA PORTUGUESA que faz com que os lusófonos se entendam sem problemas. Essa é a LP que deve ser preservada, aceitando ao mesmo tempo a diferenciação lexical e a diversidade linguística dentro da comunidade. A adianta controlar a língua. A francofonia, por exemplo tem instituições especializadas que se dedicam ao controle de variações e mudanças linguísticas, mas tudo indica que o francês não deixa de mudar. É importante retermos que não existe língua pura. Bagno (2011, p.82) afirma que o “ vocabulário de qualquer língua do mundo é resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas. E agora que esses intercâmbios são ainda mais intensos e frequentes, e muito mais velozes”.

A escola moçambicana ainda se prende com a gramática prescritiva e desvaloriza qualquer variação fato que comparticipa na reprovação em massa. A pesquisa incentiva a pesquisa sobre a variação do Português de Moçambique e a sua consideração como fenómeno natural de todas as línguas do mundo. É importante ressaltar as palavras de Gonçalves (2001, p.987) quando fala que o domínio do padrão europeu está assim restringindo a uma elite reduzida de falantes, pelo que mesmo o discurso oficial o declare como modelo-alvo das instituições escolares ou dos meios de comunicação social, tal medida, política, não impede que muitas das regras gramaticais sejam desconhecidas pela maior parte dos locutores de português. A variação e mudança são fenómenos linguísticos que ocorrem em todas as línguas. Isso pode acontecer de forma lenta muitas vezes de forma despercebida. **(a)** A mudança é contínua, ininterrupta e discreta; **(b)** A mudança é lenta, gradual e regular; **(c)** A mudança é sentida com preconceito; **(d)** As mudanças podem corresponder a mutações, substituições,

5 A noção de erro é resultante de visões do mundo, de juízos de valor, de crenças culturais, de ideologias e, exatamente por isso, estão sujeitas a mudar com o tempo e linguisticamente falando, o erro hoje é “todo e qualquer uso que escape desse modelo idealizado, toda e qualquer opção que esteja distante da linguagem literária consagrada; toda pronúncia, todo vocabulário e toda sintaxe que revelem a origem social desprestigiada do falante; tudo o que não consta dos usos das classes sociais letradas urbanas com acesso à escolarização formal e à cultura legitimada.” (BAGNO, 2008, pp.61-69).

aparecimentos e desaparecimentos, conservação e inovação; (e) O estudo das mudanças pode ser baseada em diferentes períodos históricos: passado, presente.

Referências.

- AÇÃO EDUCATIVA. *Por uma vida melhor*: Intelectuais, pesquisadores e educadores falam sobre o livro. mai-jun, 2011. [Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/portal/images/stories/pdfs/dossie%20-%20por%20uma%20vida%20melhor%20final_30_06_2011.pdf acesso em 27 de mar 2013.]
- AITCHISON, J. *Language change*: Progress or decay. 4ªed. New York: CUP, 2005.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. in MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 52 ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. 2ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipótese. In LAGARES, X. C.; BAGNO, M. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011.
- _____.; BARBOSA, J.B.; MARINE, T.C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. In *ABRALIN*, v.7, nº2, jul-dez 2008. pp.169-195.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*: A sociolinguística na sala de aulas. 6ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. *Nós chegemos na escola, e agora?*: Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola, 2006.
- CAGLIARI, L.C. *Alfabetizando sem Bá-Bé-Bi-Bo-Bu*: Pensamento e ações na sala de aula. São Paulo: Scipione, 2009.
- _____. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2010.
- CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In *Universidade Estadual Paulista. Prograd*. Caderno de formação: Formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v.11, p.34-49.
- CHAGAS, P. Mudança linguística. In FIORIN, J. L. (org). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIAS, H. N. . A norma padrão e as mudanças linguísticas na Língua Portuguesa nos meios de comunicação de massas em Moçambique. In _____. (org.) *Português Moçambicano*: Estudos e reflexões. Maputo: Imprensa

- Universitária, 2009.
- DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA [DILP]. 3ªed. Maputo: Texto Editores, 2008.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005
- GARMADI, J. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- GONÇALVES, P. Dinâmicas do Português em Moçambique: Afinal, o que são erros do português. In *Primeiras Jornadas de Língua Portuguesa*. Maputo: UEM, 2005a.
- _____. Falsos sucessos no processamento do input na aquisição de L2: Papel da ambiguidade na génese do português de Moçambique. In *ABRALIN*, v.4, nº1 e 2, 2005b. pp. 47-73.
- _____. Lusofonia em Moçambique com ou sem glotofagia? Comunicação apresentada no *2º Congresso Internacional de Linguística Histórica*. São Paulo: USP (07-/02/2012).
- _____. *Português de Moçambique: Uma variedade em formação*. Maputo: Livraria universitária da Faculdade de Letras/Universidade Eduardo Mondlane, 1996.
- _____. Panorama do português de Moçambique. In *Revue belge de philologie et d'histoire*. v.79, nº79, nº3, 2001.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: A língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATEUS, M. H. M. A mudança da língua no tempo e no espaço. in MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO do, F.B. (orgs). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho, 2005.
- MATOSSE, S. V. Erros que cometemos ao falar o português. In *Jornal Notícias*. Opinião. 8 e 9 de março 2013. [Disponível em : <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/1615053/20130308> e <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/1616789> acesso 9/mar/13]
- MATTOS e SILVA, R.V. *O português são dois: Novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. *Caminhos da Linguística Histórica: Ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Mapa Linguístico de Moçambique. 2010. [Disponível em http://www.mec.gov.mz/Livro%20Escolar/4Classe/Aluno_CienciasSociais/csociais4_57.pdf acesso em 21/jun/2012.

- MENDES, I. *Da neologia ao dicionário: O caso do português de Moçambique*. Maputo: Texto editores, 2010.
- NEVES, O.M.L.S.I. O movimento associativo africano em Moçambique: Tradição e luta (1926-1962). In *Africanologia: Revista lusófona de Estudos africanos*. Nº2, 2009. pp.179-214.
- NGUNGA, A. A Intolerância linguística na escola moçambicana. In *Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da FFLCH*. São Paulo: USP, 2007. [Disponível em: www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/node/2184 acesso em 21 de maio 2010.]
- _____. Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique. In *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*. 2012. v.1, Nº 0 (ed. Especial.), pp.7-20.
- PERINI, M. *Sofrendo a Gramática: Ensaio sobre a Linguagem*. São Paulo: Ética, 2005.
- PRETI, D. Variação lexical e prestígio social das palavras. In _____.(org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In RUFFINO, G. (org.). *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.
- STROUD, C.; GONÇALVES, P. (orgs.). Panorama do português oral de Maputo: Objetivos e métodos. In *Cadernos de Pesquisa do INDE*, nº 22, Maputo: INDE., 1997.
- TIMBANE, A. A. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. In *Cadernos de Estudos linguísticos*. (54/2), Campinas, jul/dez.2012.
- _____. A problemática do ensino da língua portuguesa em contexto sociolinguístico urbano.O caso da cidade de Maputo. 2009.125p. Dissertação (Mestrado em Linguística)Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2009.
- VILELA, M. *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.